

RESENHA

MARXISMO E EDUCAÇÃO: ABORDAGEM FENOMENOLÓGICA E MARXISTA DA EDUCAÇÃO

Madan Sarup

(Professor de Sociologia, Goldsmith College Universidade de Londres)

Zahar Editores, 1980. Rio de Janeiro.
Tradução de Waltensir Dutra.

A característica marcante do ambiente que cerca hoje os estudiosos da Educação pode ser definida como um misto de perplexidade e desilusão que permeia as reflexões a respeito da escola, cada vez mais identificada com as relações de dominação que controlam e contribuem para manter as condições de exploração do sistema capitalista. O livro do prof. Sarup, embora em alguns momentos possa parecer apenas um balanço das idéias de alguns autores que promoveram transformações na Sociologia da Educação durante a última década, é na realidade um guia bastante adequado para lançar um pouco de luz sobre tais perplexidades.

Não cabe numa resenha um sumário das idéias do autor ou dos autores nos quais se inspirou. Mesmo porque o professor Sarup é pródigo em resumos. Didaticamente, apresenta-os na Introdução, ao final de cada capítulo e no capítulo final (Sumário e Conclusões). O que importa destacar são os aspectos que parecem cruciais no desenvolvimento do trabalho.

Confessando-se "comprometido com a criação de um mundo mais aceitável", o autor ressalta, logo de início, que a análise do mundo pode estar em estado de fluxo. Isto nos ajudará a compreender por que a Sociologia da Educação vem sofrendo transformações, o que, em sua opinião, tem contribuído para torná-la uma disciplina empolgante.

Como se iniciaram tais transformações? O autor tenta apreender a passagem do que ele chama uma Sociologia Tradicional da Educação, baseada no modelo positivista da ciência social, para uma "nova Sociologia da Educação" inspirada na perspectiva fenomenológica. A contribuição mais eficiente para essa passagem parece ter sido, segundo ele, o livro *Knowledge and Control*, organizado e apresentado por Michael E.D. Young, cuja idéia norteadora é a de que não só as pessoas são socialmente construídas, mas também o conhecimento. A importância dessa idéia é fundamental porque torna perceptível o fato de que o conhecimento transmitido através da educação não é absoluto e de que

aquilo que é considerado "lógico", "válido", "racional", obedece a "modelos padronizados", cujas regras foram estabelecidas com determinados objetivos ou servem a determinadas intenções.

Ao assumir essa tese, o professor Sarup não só toca o problema da ideologia como destaca a relação entre estratificação social e estratificação do conhecimento. Observa então que os limites entre a Sociologia da Educação e a Sociologia do Conhecimento estão cada vez mais imprecisos, do que decorre uma nova importância para a primeira, que até aqui fora considerada uma disciplina "parasitária".

As novas perspectivas da Sociologia da Educação foram provocadas, portanto, pela necessidade de refletir sobre tudo o que fora considerado como "dado" (natural, e portanto neutro). Empolgados por essa necessidade, os novos sociólogos entregaram-se à autoconsciência crítica e "suspenderam" o enfoque que até então dava o conhecimento como algo natural. A adoção da perspectiva fenomenológica e a utilização dos estudos antropológicos vieram então realizar noções até então intocáveis. No novo quadro que se delineou então, o homem surgia claramente como um criador de significados. Daí à percepção de que os currículos são formulações humanas — e, como tal, envolvem intenções e objetivos — foi apenas um passo.

A primeira parte do livro situa de maneira fascinante o fato de que existe um mundo "interpretado", cujo significado é imposto pelos "vencedores". Teoricamente inspirado na fenomenologia, tal fato se confirma em estudos antropológicos, nos quais sobressai a contribuição de certas descrições dos etnógrafos. O professor Sarup destaca, particularmente, a obra de Thomas Gladwin, *East is a Big Bird*, na qual se descreve a arte de navegar dos ilhéus de Puluwat, pequeno atol da Micronésia. O complexo sistema prático de navegação desse povo não pode ser adequadamente representado pelos ocidentais sem o uso de instrumentos avançados. Assim, aquilo que é aprendido como "prático", pela tradição oral em Puluwat, seria considerado "abstrato" em qualquer colégio naval. A inquietante descoberta de que o "abstrato", como qualidade do conhecimento, também é culturalmente situado permite detectar o "etnocentrismo de classe" da escola, dos educadores e dos intelectuais.

"Transformados" por essas descobertas, os novos sociólogos da educação passam a rejeitar a filosofia liberal da educação como ideologia reformista que ressalta a superioridade do professor e reifica o conhecimento, apoiando o padrão de poder e privilégios. A imensa contribuição dessa nova Sociologia da Educação — na qual o autor ressalta a obra de Paulo Freire como aquela mais capaz de transmitir as concepções alternativas da educação — foi a de desmascarar a "opressão", marca principal da imposição de conhecimentos que reforçam um mundo centralizado, elitista e hierárquico.

O professor Sarup destaca, no entanto, que a relativização do conhecimento criou uma espécie de impasse ideológico em que os "relativistas" foram colhidos em sua própria armadilha: a dúvida em relação à válida-

de das suas proposições também deve ser colocada, envolvendo portanto os perigos do niilismo que pode levar ao colapso da razão.

Outra crítica que lhe faz tem como alvo o fato de terem acreditado na possibilidade de transformar o mundo através da consciência. A partir da constatação de que as realidades são produzidas socialmente, deduziram que tal transformação seria possível e, segundo o autor, tal engano resultou do fato de terem se inspirado no "mundo de homem" da primeira fase do pensamento de Sartre que associava o problema da liberdade à imaginação e à emoção. Perderam de vista, então, dois aspectos decisivos — o político e o econômico, isto é, o fato de que o poder, o mercado e a prosperidade não podem ser eliminados pela consciência.

Ao apontar o voluntarismo e o utopismo desses sociólogos, o autor em momento algum nega o valor de suas contribuições e parece querer mostrar que, assim como Sartre "se converteu" ao marxismo, harmonizando o com seu idealismo anterior, também a Sociologia da Educação acabaria buscando em Marx o instrumental teórico necessário para situar-se em relação ao contexto social e econômico.

As incursões do autor pelo complexo terreno teórico do marxismo podem, a alguns, parecer um tanto simplificadoras, dadas a extensão e profundidade da teoria marxista, mas têm o inegável valor de colocar, ao alcance de leitores que nem sempre têm tempo para tais estudos, o essencial do pensamento de Marx. Após analisar a "tensão incessante entre o núcleo idealista da versão marxista e a ciência materialista que a cercou" rejeita, nesta última, o determinismo vulgar, apegando-se ao marxismo humanista dialético, que destaca a atividade consciente do homem, sua relação com a natureza e com a história.

Deriva daí o tema da alienação, como o que mais toca à educação, possibilitando perceber que, nas condições do sistema capitalista, a educação se realiza em circunstâncias alienantes porque a produção de conhecimentos atende à "lógica geral da produção de mercadorias". A compreensão dos fenômenos educacionais hoje exige, então, uma teoria crítica, cuja base seja a estrutura marxista de pensamento, o que já está sendo feito em parte. Cita Bertell Ollman como um intelectual que é capaz disso e, inspirando-se nele, demonstra como a educação, ao encarar o potencial humano como "útil" ao mercado de trabalho, ao invés de desenvolvê-lo, explora-o. Na medida em que os alunos são avaliados pela sua "produção", estamos diante da reificação do conhecimento. Denuncia ainda como a educação é transformada num fetiche, e "a ela são atribuídos poderes dados aos homens". Dessa forma, os alunos passam a ver a escola como um "meio" e se alienam do conhecimento, que se lhes afigura hostil e estranho.

Destaca-se, no livro, um inconformismo constantemente reavivado contra a hierarquização (dos homens e das coisas), contra a divisão do trabalho como princípio operacional da organização e contra a reprodução desses elementos dentro da escola, transformada em "fábrica", os alunos, ao mesmo tempo, em mercadorias e

trabalhadores, e os professores desorientados pela ambigüidade da sua situação na estrutura de classes.

Utiliza também o conceito de Capital Cultural, mas apenas no sentido restrito do conhecimento "posuído" e não naquele sentido amplo e operacional que lhes atribuem Bourdieu e Passeron, autores, aliás, ausentes da sua obra, na qual fazem falta também outros autores importantes da língua francesa, como Baudelot e Establet*. Destacou no entanto Althusser, criticando-o pelo seu determinismo.

Qual a solução que apresenta para os impasses que detectou? Uma das idéias mais estimulantes dessa obra é a de que a Economia Política deve ser a base para a construção da Sociologia da Educação, o que permitirá apreender como o processo de produção engendra, dentro da escola, as funções ligadas à desqualificação do trabalho, criando mão-de-obra fragmentada para uma sociedade cada vez mais administrada.

Sua proposta pessoal, no entanto, é pouco explícita, do ponto de vista teórico. Limitada às duas páginas finais do livro, não tem muita relação com os fundamentos teóricos que tão exaustivamente dissecou. "Deveríamos tentar superar todas as distinções hierárquicas, onde quer que surjam." Embora o autor corra o risco de cair no voluntarismo que criticou, seu livro envolve pelo menos dois méritos. Desmistifica as falácias das dicotomias (idealismo-materialismo, abstrato-concreto etc.), mostrando como são falsas contradições que paralisam a ação consciente dos educadores, e coloca ao alcance dos que trabalham em educação um guia útil para vencer as desilusões provocadas pelas teorias da reprodução.

A leitura desse livro pode despertar-nos para um fato — fenomenológico, aliás — que o autor não situou explicitamente. A educação tem tido, dentro das ciências humanas, um significado cambiante, que varia em função do que dela pretende a sociedade inclusiva. Em momentos de aceleração da mudança social ela pode até ser considerada conscientizadora. Quando as forças conservadoras controlam as rédeas da mudança, Durkheim e as teorias da reprodução voltam ao espaço teórico. É de se pensar então que a crise do sistema econômico mundial antecipa novas teorias, o que sugere que a história deveria também ser melhor pesquisada pelos educadores.

Dulce C.A. Whitaker

* A obra de Bourdieu é apenas indicada em nota bibliográfica.